RESUMO
A educação acerca dos eventos passados, se refletindo na disciplina de História nas instituições educacionais tem se afastado progressivamente da prática reflexiva. É possível observar em diversos contextos que os alunos estão focados unicamente em memorizar os conteúdos que lhes são transmitidos, sem analisar as repercussões que os fatos históricos tiveram no presente. O objetivo principal é simplesmente avançar para o próximo ano letivo. Como resultado, muitos estudantes não conseguem adquirir um aprendizado significativo, esquecendo rapidamente o que foi discutido em sala de aula e questionando a relevância da disciplina de história em suas vidas. Isso gera alunos com pouca capacidade de gerar suas próprias ideias e que não estabelecem conexões entre os acontecimentos ocorridos ao longo da história, limitando-se a reproduzir o conhecimento fornecido por outras pessoas. De acordo com os princípios teóricos da abordagem educacional, a instituição escolar não possui o poder de transformar a sociedade, porém desempenha um papel crucial ao contribuir, em conjunto com outros aspectos da vida social, para as mudanças necessárias com o objetivo de promover maior democracia na futura sociedade brasileira. A função educativa do trabalho realizado em sala de aula com os alunos tem a capacidade de fomentar o desenvolvimento e a aquisição de conhecimento de cada indivíduo. O trabalho educacional deve ser orientado por uma visão das crianças como seres inseridos na sociedade, como indivíduos que vivem em comunidade e como cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadãos; História; prática Reflexiva.

INTRODUÇÃO

O Objetivo Geral desse artigo é descrever a prática pedagógica direcionada a possibilitar a aprendizagem significativa dos alunos nas aulas de História.

A Questão Problema é: Como deve ser a prática pedagógica para possibilitar uma aprendizagem significativa dos alunos nas aulas de História.

É importante reconhecer que o professor desempenha um papel fundamental na busca por uma educação que esteja conectada à realidade. Ele deve adotar uma postura crítica e, ao mesmo tempo, estimulante em sala de aula, incentivando os alunos a refletirem sobre os eventos que ocorreram ao longo da história e questionando os impactos desses acontecimentos na realidade atual. Isso contribui para o desenvolvimento da capacidade de discernimento e expressão dos estudantes. A autora Nikitiuk (2001, p.73) nos convida a repensar o ensino de história, nos levando a refletir sobre o assunto.

História é necessidade social. Professor-historiador, é aquele que produz a partir de marcas e vestígios, práticas discursivas, cortadas cronologicamente com destinação determinada e apropriações. Reflexões nossas, suas ou deles nos levam a ver a circularidade da História, propiciam o dar sentido ao vivido. Reflexões a respeito do ensino nos levam ao compromisso de escrever a História. No ambiente educacional, é onde os alunos desenvolverão competências para sustentar seus pontos de vista, transformando-se em indivíduos capazes de perseguir seus ideais, lutar por seus direitos e modificar a realidade em que estão imersos.

A instituição de ensino não deve meramente replicar as normas da sociedade convencional, mas encarar os desafios socioeconômicos e culturais de frente. Essa renovação na pedagogia deve originar-se das mentalidades dos profissionais do setor educacional, com o respaldo do Estado, que precisa prover uma infraestrutura apropriada e assegurar que a escola adote uma estrutura diferenciada para atender de forma mais eficaz à diversidade socioeconômica e cultural que a caracteriza.

O educador deve honrar seus alunos como indivíduos pensantes, reconhecendo que estes já possuem saberes prévios que merecem consideração. Somente quando incentivados a refletir, os estudantes se tornarão indivíduos genuinamente críticos, capazes

de raciocinar por si mesmos. É sob essa ótica que endossamos a abordagem construtivista, na qual professor e aluno podem aprender mutuamente, evoluindo juntos dia a dia.

O fruto desse ambiente de aprendizagem é a edificação e a descoberta do novo, é a instauração de uma mentalidade de busca e de ousadia exigida por essa jornada. Essa sala de aula não replica o passado por mera repetição, mas se debruça sobre o passado porque é nesse ponto que reside a semente do futuro. Vive-se o presente intensamente à medida que se esboça o futuro, encontrando na história sua base fértil (BECKER, 2001, p.28).

É nesse intercâmbio cotidiano e nessa abordagem relacional que ambos os protagonistas aprenderão de modo genuíno e profundo.

A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA

Na sala de aula, é necessário que todos os elementos atuem de forma conjunta: o professor, o aluno, a disciplina (matéria ou conteúdo), o contexto de aprendizagem e as estratégias pedagógicas. Isso significa transformar a teoria em prática, onde o docente desempenha um papel fundamental ao desenvolver uma prática educativa inovadora, na qual educador e educando trabalham juntos no processo de ensino-aprendizagem.

A história responde, entre muitos interesses, a uma explicação dos acontecimentos de outros tempos a partir do presente e por sua vez é a busca dos humanos para compreender o seu hoje a partir do evento passado. Portanto, de acordo com Zemelman (2007, p. 37):

[...] a mobilidade das sociedades passadas e presentes confere aos fenômenos históricos e aos processos de ensino do conhecimento histórico uma possibilidade diversa de interpretação, análise e contraste, pois estudar história é tentar interpretar na multiplicidade humana um ponto de encontro e reflexão das ações passadas e o que elas tentam entender do presente sobre elas [...].

Essa situação tem sugerido que a objetividade "pura" da História não pode ser delimitada a partir da separação entre o sujeito que estuda e o objeto estudado, uma vez que ambos são sujeitos culturais, espaciais e temporais e, portanto, existem pontos de encontro que ligam o pesquisador à sua própria essência e geram interpretações.

Nesse sentido, segundo Meyer, E. (2000, p. 84):

[...] Buscam-se novas alternativas à história tradicional, aproximando os limites da história dos da vida das pessoas, a fim de humanizar a história e, portanto, ser mais próximos e compreensíveis. Trata-se de ampliar o sustento da história, ampliar seu escopo de estudo, aproveitar novas matérias-primas e oferecer novos mapas de conhecimento [...],

Ideias como as acima estão relacionadas a uma posição denominada História Social, que reconhece na ciência histórica um rigor em termos metodológicos, mas que não pode se dedicar exclusivamente à descrição dos fatos, pois como qualquer campo do conhecimento humano, tem um compromisso com a sociedade plural do passado e do presente, situação que o pesquisador não pode negar e que dá à História uma busca por interpretações. não por verdades absolutas.

A premissa acima é compreendida pela grande maioria dos historiadores e estudantes universitários, porém, nas salas de aula do ensino fundamental e médio, parece que a História é uma verdade estática, única e irrefutável. Embora o caso não possa ser generalizado, trata-se de uma situação que deve levar a reflexões e mudanças no trabalho de formação do professor de Ciências Sociais, que deve buscar na História aquele ponto de encontro planejado e o sentido do conhecimento nos problemas socialmente vivos, a fim de dar sentido aos acontecimentos históricos.

Estes elementos serviram de base para o início de uma investigação que tem como premissa fundamental que conhecer e ensinar História são dois processos complementares, mas distintos, pelo que importa fazer certas diferenciações que permitam ao docente de Ciências Sociais e História uma conceptualização a partir das realidades, em contraste com processos de análise de

posições e perspectivas que têm vindo a ser desenvolvidos relativamente ao porquê e como conhecer a história.
A reflexão acima mencionada é um verdadeiro pilar na dicotomia entre conhecer a História e saber ensiná-la, pois o verdadeiro discípulo de Clio deve ser capaz de estabelecer o ato comunicativo sobre os legados de diferentes momentos e culturas e, como as outras musas, deve inspirar com suas palavras e ações na recriação crítica dos tempos humanos. Essa compreensão das culturas tem um significado na medida em que se estabelecem conexões com o território vivo e as dinâmicas de compreensão temporal baseadas na mudança das fronteiras e na forma de dar sentido aos espaços.
O ensino de História requer o enfrentamento da complexidade do conhecimento histórico, utilizando modelos explicativos, compreensivos e propositivos para a caracterização da história escolar.
Reconhecemos que a didática promove a capacidade crítica do professor ao longo de sua formação, incentivando-o a investigar a realidade do ensino. Segundo Poletti (2002), o papel do professor é manter o aluno curioso.
É fundamental incentivar a criança, mantendo-a envolvida, pois o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas sim são apresentados dados e informações, enquanto a construção do conhecimento acontece de forma individual. A aprendizagem se dá à medida que experimentamos vivências e desenvolvemos nosso pensamento. Reconhecemos que a informação recebida necessita ser internalizada como conhecimento, e a motivação intrínseca surge quando nos sentimos satisfeitos ao absorver um determinado conteúdo.
O método de ensino deve despertar o interesse pela aprendizagem nos indivíduos e levar o aluno a compreender o que está sendo transmitido em sala de aula.

O ensino de história não deve se limitar à mera memorização de fatos, à detalhada informação sobre eventos, ou ao acúmulo de dados sobre as circunstâncias em que ocorreram. A história não se resume a um relato de acontecimentos periféricos, nem é um mero elogio a figuras proeminentes. Ela não representa um terreno neutro, mas um espaço de debate, por vezes de conflito. Trata-se de um campo de pesquisa e produção do conhecimento que está longe de apontar para o consenso (BORGES, 2001, p.5).

O pensamento é a forma mais sagaz de expressão, é por meio dele que erguemos nossa própria sabedoria e transmitimos nossa visão de mundo perante a sociedade. E é esse saber que pode transformar a realidade em que nossos alunos estão imersos, conduzindo-os a romper com uma sociedade excessivamente capitalista que lhes foi imposta. A disciplina de História foi introduzida no currículo escolar juntamente com as línguas modernas, as ciências naturais e físicas, e a matemática, além da História Sagrada. Ambas as matérias tinham como propósito contribuir para o desenvolvimento moral dos educandos.
De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de História de 1998, os objetivos da inclusão da História do Brasil no currículo estavam relacionados à formação da noção de um Estado Nacional secular, mas com conexões com a Igreja Católica.
Uma vez que o Estado brasileiro estava se consolidando politicamente, havia a necessidade de um passado retrospectivo que legitimasse sua fundação.
A partir de 1945, houve uma extensa discussão política no Brasil em relação à educação nacional, culminando na lei 4.024 de Diretrizes e Bases, promulgada em 1969. Conforme os PCN de 1998, página 24, "Essa lei manteve a organização do sistema de acordo com a legislação anterior, eliminando a prescrição de um currículo fixo e rígido em todo o território brasileiro." Dessa forma, o ensino de História se estabeleceu na educação brasileira como um currículo estável, sendo uma disciplina presente nas salas de aula.
Destaca-se a relevância do ensino de História e sua importância na sala de aula. No entanto, para que isso ocorra, é essencial que o professor conduza o aprendizado de maneira lúdica, despertando o interesse dos alunos.

Portanto, é fundamental para o desenvolvimento de um bom professor que ele seja capaz de utilizar um livro antigo com falhas

como uma oportunidade para corrigir e promover o pensamento crítico. (PINSKY E PINSKY, 2013, p. 22).

No entanto, esse ensino vai além disso, como descrito por Pinsky e Pinsky (2013, p. 22), "Mais do que o livro, o professor precisa ter conhecimento. Cultura. Até mesmo um pouco de erudição não faz mal algum. Sem estudar e dominar o assunto, não pode haver ensino. É inaceitável um professor que mal lê".

O PROFESSOR E SUA RELAÇÃO COM OS ALUNOS

O professor de História ocupa um papel fundamental na formação crítica dos estudantes. Muito além de transmitir datas e eventos, ele é responsável por despertar a consciência histórica, estimular o pensamento reflexivo e ajudar os alunos a entenderem o presente por meio da análise do passado.

Essa relação entre professor e aluno, quando construída sobre o diálogo e o respeito mútuo, torna-se um elo poderoso na sala de aula. Um professor que escuta, compreende e valoriza as opiniões dos estudantes cria um ambiente propício à participação ativa e ao desenvolvimento do senso crítico. Ao trazer temas atuais, fazer conexões com o cotidiano e incentivar o debate, o professor de História transforma a aula em um espaço vivo de aprendizado.

Além disso, a empatia, o entusiasmo e a paixão pela disciplina são elementos que contagiam os alunos. Quando o professor demonstra envolvimento com os conteúdos e respeito pela diversidade de pensamentos, ele contribui não só para o conhecimento acadêmico, mas também para a formação cidadã dos seus alunos.

Portanto, o professor de História é mais do que um transmissor de conteúdo:

é um mediador de ideias, um provocador de reflexões e, acima de tudo, um agente essencial na construção de uma sociedade mais consciente e crítica.

O professor possui um potencial de ensino que requer sua constante atenção às novidades em sua área de ensino e às dificuldades enfrentadas pelos alunos.

Conforme destacado por Pinsky e Pinsky (2013, p. 23), "sendo o professor o elo entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do aluno, é essencial que ele conheça ambos da melhor maneira possível". Além disso, o professor deve ter conhecimento em todas as áreas da educação, pois atua como mediador do conhecimento, e, portanto, deve estar preparado para atender a todas as demandas que lhe são apresentadas.

É fundamental que o educador esteja vigilante em relação às diversas modalidades de assimilação dos estudantes, haja vista que cada um deles possui um perfil de aprendizado distinto. Por esse motivo, é de suma importância empregar variadas abordagens e recursos pedagógicos, a fim de suprir as necessidades de todos os educandos e garantir que todos possam adquirir conhecimento de maneira significativa.

Outro ponto relevante da prática educativa no âmbito histórico é a utilização de fontes do passado, tais como registros, imagens, filmes e depoimentos de testemunhas presenciais, que permitem aos alunos uma visão mais abrangente e aprofundada dos acontecimentos históricos estudados. Essas fontes devem ser apresentadas de forma contextualizada, possibilitando aos estudantes compreender as circunstâncias em que foram produzidas e as motivações dos responsáveis por sua criação.

Por último, é imprescindível ressaltar a relevância da avaliação na prática educativa em história. A avaliação deve ser constante e formativa, permitindo ao professor identificar as dificuldades dos alunos e intervir de maneira adequada para superá-las. Além disso, é necessário diversificar os métodos de avaliação, contemplando diferentes formas de mensurar a aprendizagem, como a elaboração de trabalhos escritos, exposições orais, debates, entre outras estratégias.

Em síntese, a prática educativa em história deve ser pautada pela busca do aprendizado significativo, utilizando metodologias que estimulem a participação ativa dos estudantes no processo de ensino e que permitam a utilização de fontes históricas para enriquecer o conteúdo. Ademais, é crucial que o professor esteja atento às distintas modalidades de assimilação dos alunos e empregue avaliações diversificadas para avaliar a

aprendizagem. Desse modo, é possível assegurar que os estudantes adquiram conhecimentos de maneira significativa e sejam capazes de compreender de forma mais ampla o mundo em que estão inseridos.
Com base em Pinsky e Pinsky (2013, p.22), é essencial que:

Para que esta transformação ocorra, torna-se crucial a reavaliação do ensino histórico e a conscientização dos educadores dessa matéria acerca de sua responsabilidade societal junto aos estudantes, empenhando-se em auxiliá-los a compreender e, idealmente, aprimorar o mundo em que vivem.

Conforme a mesma fonte, um docente mal preparado e desmotivado não consegue conduzir aulas eficazes, mesmo com o melhor dos manuais; a evolução de um educador competente requer a habilidade de aproveitar um livro antigo e defeituoso para corrigir e estimular seu pensamento crítico. Entretanto, esse processo educativo vai além, como delineado por Pinsky e Pinsky (2013, p.22): "Além do manual, o educador necessita possuir conhecimento. Cultura. Até mesmo um pouco de erudição não é prejudicial. Sem aprofundar-se e dominar o conteúdo, não pode haver instrução. É inaceitável um professor que mal lê".
Complementando as palavras de Karnal, Marciano (2008, p.1) afirma que:

Instruir na construção do próprio ponto de vista histórico implica colaborar para que o discente elabore conceitos e os aplique em contextos do dia a dia, significa ensinar a resolver, relacionar e interpretar as informações sobre o período estudado para alcançar um nível mais amplo de compreensão do mundo.

É também prover aos alunos ferramentas para que possam elaborar argumentos que os capacitem a explicar a si mesmos e aos outros, de forma clara e concisa, um evento histórico específico. Por fim, significa conceder-lhes meios para que possam situar-se da melhor forma possível dentro da condição humana. Pois o educador, com seu potencial de ensino, deve permanecer atento às atualizações em sua área de atuação e às dificuldades enfrentadas por seus estudantes.
"Se o educador é o agente que estabelece a conexão entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando, é crucial que ele compreenda, da maneira mais abrangente possível, ambos os universos." Pinsky e Pinsky (2013, p.23). E seguindo o que o autor destaca, o professor deve possuir conhecimento em todas as áreas da educação, pois ele é um mediador de sabedoria e, portanto, deve atender a todas as demandas que lhe são dirigidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as análises anteriores, podemos inferir que os desafios enfrentados pelo ensino de História nas escolas seguem uma hierarquia - desde a intenção do Estado, passando pela gestão escolar e permeando as práticas dos professores - e o principal impactado é o estudante, que sofre todas as consequências desse processo de desestruturação educacional. De fato, essa ideia não está totalmente incorreta, mas há um equívoco significativo ao pensarmos onde essas problemáticas se encerram. O estudante não é apenas um receptor desse sistema, mas também um reprodutor.
Durante uma aula de História, é bastante comum ouvir os alunos questionando qual é a relevância dos acontecimentos passados em nosso cotidiano. Embora essa pergunta possa ser desconcertante e, por vezes, desvalorizadora, é importante que o professor problematize essa questão em sala de aula. Afinal, como mediador do campo de conhecimento em questão, o professor de História é a figura habilitada e responsável por demonstrar o valor dos conhecimentos que transmite diariamente. O passado não é apenas a recuperação de uma época vivida.
A relação do historiador com o passado leva em consideração o fato de que cada indivíduo, ao falar do passado, o faz com base nas ideias e valores do tempo em que vive. Portanto, embora o ofício do historiador tenha seus limites, é possível mostrar aos alunos que diversos eventos do passado servem como interessantes ferramentas para problematizar a vida presente.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Educação e construção do conhecimento. 1ª Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BORGES, Maria Aparecida Quadros; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. O ensino de história nos anos iniciais do ensino médio. Disponível em: www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/01/downloads/artigo_09.doc. Acesso em 07 jun.2025.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf>. Acesso em 07 jun.2025.

MEYER, E. 2000 Transmissão da Consciência Histórica: Memória e Consciência Histórica. Revista História, Antropología y Fuentes orales (24): 77-94. NIKITIUK, Sônia L. Repensando o ensino de história. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCIANO, Thiago. O papel social do professor de História do Ensino Fundamental na Formação Crítica do Aluno. 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-social-do-professor-de-historiadoensino-fundamental-na-formacao-critica-do-aluno/9809/>. Acesso em: 04 jun.2025.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. Por uma História prazerosa e consequente. In: Karnal, Leandro (org). História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: contexto, 2013.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (org.). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

ZEMELMAN, H. 2007 O Anjo da História: Determinação e Autonomia da Condição Humana. Espanha: Editorial Anthropos.